

# CAPITAL DOS SERVIDORES

ANA HELENA PAIXÃO

DA EQUIPE DO CORREIO

**A** pesar da mudança de perfil dos moradores do Distrito Federal, verificada a cada censo do Instituto Nacional de Geografia e Estatística (IBGE), a nova capital ainda é o paraíso dos funcionários públicos federais. Dos quase duzentos mil habitantes do Plano Piloto, cerca de 40% são servidores da União. Em comum, eles têm o orgulho de viver em uma cidade-jardim e de elaborar políticas públicas dirigidas para todo o povo brasileiro. Mas o Plano Piloto precisa se adaptar para uma nova realidade: em poucos anos, será a capital dos aposentados da administração pública federal.

É o que releva o cruzamento dos dados do IBGE e de uma pesquisa realizada com 115 moradores do Plano Piloto. O trabalho foi organizado durante cinco anos, pelo professor do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília (UnB), Brasilmar Ferreira Nunes. Os resultados foram compilados num livro, lançado na última semana, que revela os hábitos e características dos habitantes do Distrito Federal. O foco principal da pesquisa são os moradores das asas Sul e Norte.

De acordo com o sociólogo, do total de chefes de família do Plano Piloto, 41% vivem do serviço público federal. Comerciantes representam apenas 8% e altos funcionários de es-

tabelecimentos bancários 6%. “Os servidores dos bancos costumam morar na periferia. Profissionais liberais e empresários vivem nos lagos”, afirma Nunes. O chefe da unidade do IBGE no DF, Walker Moura, concorda. “Brasília ainda é a cidade do funcionalismo público”, avalia.

No DF desde 1958, o casal matogrossense Ayr de Campos Silva, 75 anos, e Benedito Nunes da Silva, 83, escolheu criar os seis filhos, 11 netos e dois bisnetos na terra que lhes ofereceu melhores condições de vida. Ayr foi dona-de-casa por toda a vida. Benedito colocou o caminhão à serviço das obras da capital federal e aposentou-se pelo Ministério das Minas e Energia. Na família, majoritariamente instalada no Plano Piloto, todos seguem o exemplo do patriarca. “Hoje (domingo), 26 parentes vieram para o almoço semanal. Só tem funcionário público, até as crianças”, brincou uma das filhas do casal, Ana Rita — uma das poucas a viver em outra região administrativa: o Lago Norte. Dos adultos presentes à reunião familiar, 13 trabalham no serviço público.

Segundo os dados do IBGE e o levantamento do sociólogo da UnB, o Plano Piloto concentra os migrantes que já chegaram ao DF com emprego definido, pessoas com nível universitário e famílias com melhores condições financeiras. “São, em maioria, servidores da administração pública federal”, considera Brasilmar.

Jose Varella



**A FAMÍLIA NUNES SE ORGULHA DE TRABALHAR NA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA: 13 ADULTOS SÃO SERVIDORES**

## Jovens em dificuldade

É na cidade que já foi exaltada pela sua juventude e rebeldia, a presença de idosos torna-se cada dia mais comum. Em poucos anos, apostam os especialistas, Brasília ficará conhecida como capital da terceira idade. De acordo com o IBGE, os jovens candangos têm dificuldade de manter o padrão de vida dos pais pioneiros. Além disso, para cada grupo de 11,58 idosos, há cem crianças e a tendência é que a proporção de representantes da terceira idade aumente devido a redução do contingente de brasilienses com idade entre zero e quatro anos.

“O preço dos aluguéis e imóveis à venda em Brasília têm expulsado os jovens da capital para regiões mais peri-

FUNCIONALISMO

40%

*dos moradores do Plano Piloto trabalham na administração federal, segundo cruzamento de dados do IBGE e pesquisa realizada por sociólogo da UnB.*

féricas do DF. É o metro quadrado mais caro do DF”, afirma Brasilmar Nunes. “Os aposentados da administração pública federal têm como manter o pa-

drão de vida. Seus descendentes não.”

A antropóloga Maria Laís Guide, que estudou os idosos do DF, concorda. “Oitenta por cento dos idosos do DF são de baixa renda e moram na periferia. Os do Plano e dos Lagos são de melhor poder aquisitivo”, ressalta. Segundo ela, os moradores do Plano Piloto vivem melhor: conseguem andar nas áreas arborizadas da cidade desacompanhados e são mais independentes. No entanto, adverte a antropóloga, é preciso que a cidade se adeque à necessidade dos mais velhos. “A socialização deles começa antes da doença, eles precisam andar com segurança nas ruas e ter acesso ao transporte, por exemplo”, enumera.